

■ EDITORIAL

HISTÓRIA E MÚSICA NA AMÉRICA LATINA: INTERLOCUÇÕES HISTORIOGRÁFICAS

Maria Luiza Franca Ramalho

Nesse segundo número do ano de 2021, a Revista História e Cultura, editada pelos discentes do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, reuniu diversos artigos, sob o dossiê intitulado “História e Música na América Latina: interlocuções historiográficas”. Organizado por Icaro Bittencourt e Leandro Braz da Costa, doutorandos pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGHIS-UFPR) e pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (PPGH-UFSM). O presente dossiê conta com oito trabalhos dedicados a analisar à temática de História e Música na América Latina a partir de diversas abordagens teórico-metodológicas. O leitor encontrará artigos que discutem os paradoxos da História Social da Música, da sociologia da música e as relações entre Música e Política em interlocuções historiográficas que promovem interessantes reflexões sobre esse campo de estudos tão fecundo.

No primeiro artigo da seção, intitulado Autonomia e Historicismo: a falsa alternativa, de autoria do filósofo francês Jacques Rancière e traduzido pelo historiador André Fabiano Voigt, vemos uma introdução à temática do dossiê por meio de reflexões sobre o “nó conceitual” entre música e história. Nesse sentido, Rancière problematiza as relações estabelecidas entre a autonomia das artes e os regimes de historicidade.

Dando continuidade às reflexões propostas pelo filósofo francês, o trabalho Música e Política: Paradoxos da História Social da Música de André Fabiano Voigt, parte de aspectos das obras de Theodor W. Adorno e de Françoise Escal para identificar elementos recorrentemente utilizados como base teórico-metodológica em trabalhos de pesquisadores que aplicam critérios da sociologia da música à história social da música. O historiador apresenta alguns paradoxos e problemas advindos de tais concepções para a interpretação da importância histórica e sociopolítica da música.

Abordando os possíveis indícios do lugar coadjuvante da música instrumental nas análises historiográficas e memorialísticas, Renan Branco Ruiz em *Jazz no Brasil ou Jazz Brasileiro? Um balanço histórico sobre o jazz durante o longo modernismo (1920-1980)* procura verificar quais foram as rupturas e permanências no processo de consolidação do jazz na cultura musical brasileira. Segundo Ruiz, a partir da década de 1920, os atritos relacionados às jazz-bands se entrelaçaram, contraditoriamente, com o desenvolvimento inicial do chamado “longo modernismo brasileiro” (1920-1980), justificando-se aí a delimitação do recorte temporal de seu artigo. Desse modo, o historiador analisa o desenvolvimento do jazz pela história do Brasil entre os anos 1920 e 1980, realizando um balanço bibliográfico e histórico sobre a presença do jazz no país.

Em seguida, em *Venga a bailar el Rock and Roll: a formação do mercado da música jovem na argentina entre os primeiros rocker’s e a Nueva Ola (1956-1964)*, Karin Helena Antunes de Moraes apresenta um levantamento acerca das principais expressões musicais voltadas para a juventude argentina entre os anos de 1956 e 1964. A autora problematiza a formação do mercado de consumo juvenil, se debruçando principalmente sobre os principais eventos, práticas e articulações do rock and roll na sociabilidade juvenil da Argentina, que precederam o chamado “primeiro rock argentino” (1965-1967), privilegiado pela historiografia do país.

Por conseguinte, Luís Felipe Fernandes Afonso em *Para além da Pré-História: repensando a primeira geração do rock no Brasil (1955-1964)* propõe repensar o lugar tomado primeira geração roqueira brasileira na história musical nacional. Para tal, o autor procura analisar a chegada do rock no país, sobretudo no eixo Rio-São Paulo, e sua dificuldade de consolidação nos meios de comunicação, abordando também a importância da performance para o desenvolvimento do gênero.

Em *Contracultura, misticismo e desatino em “Um salto no escuro”* de Jorge Mautner, Guilherme Araujo Freire analisa o disco homônimo “Jorge Mautner” (1974), também conhecido como “Um salto no escuro”, a fim de abordar as práticas experimentalistas na obra do cantor e compositor Jorge Mautner, ressaltando que a busca por tais inovações em suas produções artísticas se deu em um contexto social e político de repressão marcado pela vigência do Ato Institucional nº 5 (AI-5). Desse modo, o autor enfatiza que o ingresso do artista no mercado musical nacional aconteceu em uma configuração de mercado pouco oportuna, e procura verificar os possíveis significados das letras de suas canções com os debates políticos e estéticos daquele período.

Nessa esteira, em *Desbundar* é um ato político: *Novos Baianos e a Ditadura Militar Brasileira*, Caroline Gonzaga e Soraia Gatti procuram demonstrar como a postura adotada pelo grupo musical *Novos Baianos* também representou um enfrentamento político contra a ditadura. As autoras problematizam a ideia proposta por militantes de esquerda do período que localizavam participantes da experiência contracultural brasileira apenas como “alienados”, descritos como “desbundados”. Para tal, utilizam as considerações do sociólogo Pierre Ansart sobre as “paixões políticas”, enfatizando que para compreender a política seria necessário não entendê-la apenas como “racional”, mas também como dotada de emotividade.

Partindo da análise de parte da produção artística do cantor, compositor e guitarrista León Gieco, o artigo *As canções de León Gieco e a luta por memória, verdade e justiça na Argentina (1983-1992)* de Vanessa Morais Dornelles apresenta como algumas canções do artista, lançadas no período de redemocratização da Argentina, podem ser compreendidas como canções engajadas em relação à realidade social de luta por memória e reparação no país. Dessa maneira, Dornelles verifica que a repressão, a censura e o exílio tornaram-se temas recorrentes em suas composições, e procura mapear os vínculos de suas produções artísticas com o contexto social, político e econômico.

Destacamos ainda o artigo de Wendell Guedes da Silva, *Por amor às causas perdidas: os Dons Quixotes de Cervantes e Gessinger nas teses sobre o Conceito de História*, que finaliza o dossiê temático demonstrando a variedade teórico-metodológica do campo de estudos abordado nessa edição da Revista. Aqui, o autor parte da análise da letra da canção “*Dom Quixote*”, do cantor e compositor Humberto Gessinger, que se inspirou na obra homônima do romancista, poeta e dramaturgo castelhano Miguel de Cervantes. Nesse sentido, o autor procura estabelecer um diálogo entre a teoria histórica, a música e a literatura, abordando também as Teses sobre o Conceito de História de Walter Benjamin.

Na seção de *Artigos Livres*, ao longo dos dez artigos, encontramos ampla diversidade de abordagens, recortes espaciais, temporalidades e temáticas. Isso porque reúne trabalhos sobre: usos de referências históricos em canções; problematizações das relações de saber e poder no folclore brasileiro; o texto hagiográfico enquanto elemento biográfico; relações entre a materialidade do Teatro Municipal de São João da Boa Vista com os significados simbólicos de modernismo e cosmopolitismo; o lugar das mulheres trabalhadoras na área de imigração alemã no Rio Grande do Sul, no final do século XIX e início do século XX; as representações da mulher criminosa na literatura

popular de crime que circulava no Rio de Janeiro durante o mesmo período; produção de estereótipos de gênero e sexualidade a respeito de personagens de novelas; sensibilidades dos anarquistas em contexto de repressão no início do século XX; ecos autoritários herdados da ditadura militar no Brasil na atualidade, bem como a análise da resistência aos anos de chumbo a partir da vida e obra de um cineasta. Encontramos por trás desses trabalhos pesquisadores além da História, assim, também estabelecemos um diálogo próximo com outras áreas das Humanidades.

Por meio dessa pluralidade de temas e abordagens, buscamos instigar novas discussões e promover debates em curso entre os estudiosos da História e das outras áreas das Ciências Sociais, bem como atingir os mais variados leitores.

Nós, do Corpo Editorial da Revista *História e Cultura*,
desejamos a todos e a todas uma ótima leitura!